

*«Do que Ataliba nem mesmo desconfia...»*

Cristina Casadei Pietraróia

(DLM – FFLCH-USP)

*Fazer Lingüística? Existe essa opção no vestibular? E se tiver, o que faço depois com Lingüística? Em que trabalha um lingüista? Minha mãe vive mesmo em outro mundo. Vou prestar aquilo que achar melhor. Ainda tenho alguns anos para decidir.*

Realmente, no final dos anos setenta em Marília, interior de São Paulo, minha mãe – Dra. Cleyde, como era conhecida – havia construído um outro mundo, ou melhor, dois outros mundos. O primeiro era seu consultório de ginecologia e obstetrícia, um sobrado agradável no qual recebia a grande maioria das mulheres da cidade e dentro do qual perdia a noção das horas e do tempo. Cada cliente era atendida sem pressa e todas as secretárias que por lá passavam desistiam de marcar horários fixos de atendimento. Um segundo mundo era o da sua biblioteca, “azul como a Terra vista por Gagárin”, e cheia de cores, livros, arte e poesia.

Quando a Unesp criou o curso de Letras em Marília, minha mãe teve a oportunidade de reunir seus dois mundos em seu consultório, pois atendia às professoras e às esposas dos professores que lecionavam na nova faculdade. As consultas tornavam-se então intermináveis, para o desespero ainda maior das secretárias, e, em nossa casa, nomes como Ataliba de Castilho, Maria Tereza Biderman e de tantos outros especialistas entraram e passaram a fazer parte de nosso cotidiano. Relatos sobre dicionários, pesquisas, viagens para congressos, tudo isso fascinava Dra. Cleyde, e até apostilhas de Lingüística dos cursos do Ataliba ela trazia para casa.

Das conversas no consultório, ficaram mais do que ecos ou lembranças dessas experiências alheias degustadas durante o jantar em família. O mais importante, no entanto, e que talvez nem mesmo esses professores saibam, foi o quanto preencheram minha casa, minha vida e a vida de meus pais e de meus irmãos com suas idéias, conceitos, estudos e pesquisas. Para todos nós foram portas abertas a um mundo cheio de novos parâmetros e sentidos.

*- Minha filha, por que você não faz Lingüística?*

Não fiz Lingüística, mas fiz Letras (Francês), e hoje tenho a honra de estar na diretoria do GEL, participando de algo que começou há trinta anos atrás, com o próprio Ataliba em sua criação.

São Paulo, outubro de 2001